

A IMPRENSA.

ORGÃO DO PARTIDO LIBERAL

No dia 14 de outubro de 1885 o espólio **Raimundo de Arca Leão**, que por 49 horas occupou a cadeira presidencial desta provincia, demittiu, em menos de cinco horas, tantos empregados liberaes, entre os quaes muitos viciaes! Horror!!! No dia 11 de Novembro do mesmo anno o desbragado **Manoel José de Moraes Prado**, calcando nos pés a Res. n. 1062 de 15 de Junho de 1882, removeo forçadamente quatro professores de instrução primaria!!

A «IMPRENSA», publicação semanal. Assignatura por anno 10\$000 reis, por semestres 5\$000 reis. Publicações de interesse particular—conforme o ajuste devendo virem os autographos responsabilizados, sem o que não serão publicadas: do mesmo modo as correspondencias isentas de pagamento.

ANNO XXII

THERESINA, — SABBADO 14 DE AGOSTO DE 1886.

NUMERO 050

A IMPRENSA.

THERESINA, 12 DE AGOSTO DE 1886.

Um novo reclamo

Está completa a missão do sr. Prado. S. Exc. agora pode retirar-se convencido de que no seu governo, conquistou todas as palmas e a reputação de grande estadista. A sua administração talhada a modo desta situação que impera pelo riso, pela trapaça, pela defraudação, pela burla, foi fértil em dislates e baldia de intenções progressistas. S. Exc. removeu professores inamovíveis e fez quanto de si exigiram os que partilhavam comigo os encargos do governo. Pois bem, está concluída a derradeira campanha eleitoral; estão findas as luctas entre os dois partidos, cujos interesses vitaes não entram mais em competencia. Esperamos agora que a exp. desenvencilhado desses contados electores entre a seu turno da normalidade; arvore o penho da justiça e faça affirmar a lei uma realidade.

Não pedimos-lhe favor, não desejamos que nos os preste: queremos apenas e unicamente viver na tranquilla posse das nossas liberdades; queremos que a nossa liberdade honra e vida não sejam mais o ludibrio não estejam a mercê dos caprichos dos seus policias. Compreendemos que s. exc., attendendo para as conveniencias partidarias, que não deviam sobrepujar, mas infelizmente sobrepujam as mais das vezes as conveniencias da justiça e do direito, tivesse fechado os olhos a tantos crimes e nos negasse pão e agua. Compreendemos isto. Mas agora que as ultimas eleições estão passadas, que nenhum interesse maior autorisa a permanencia desse estado do cerco em que temos vivido, esperamos que s. exc., compenetrando-se de que o presidente brasileiro a não um satrapa asiatico, faça com que a lei seja mantida em toda a sua soberana magestade e distribuída com igualdade entre todos. Isto é o que pedimos e o que temos direito de pedir, porque o facto de sermos opposicionistas não nos lança fora da lei, como entendem os sequazes de s. exc. nem nos inibe de defendermos os nossos direitos, pugnar-mos por elles, exigindo a manutenção das leis. S. Exc. comprehende que é impossível a proseguição na trilha em que tem ido, fora das boas normas constitucionaes. É impossível que s. exc. não medite nos actos que praticou e nos que, demorando-se em Caxias, deu tempo a que o seu testa praticasse o deixo de capacitar-se que foram violentos, tomados attentados contra direitos adquiridos. Si os interesses dos partidos chegam a ponto de calcarem as leis, o que afinal significam estas? Essas violencias, essas perseguições desbragadas, só motivam terriveis reacções e estrondosas vinganças futuras, que apenas virão ainda mais agravar o triste estado da nossos estragados costumes e augmentar as desgraças da nossa infeliz patria, contra quem revertem todos os nossos erros.

Nós temos atacado o governo de s. exc., não pelo que não nos deu, porque nada lhe havemos pedido, ate agora; mas pelo que nos tem tirado illegalmente.

O que hoje desejamos é que s. exc. elevando-se á nobre altura de um presidente de provincia, nos dê o que temo direito. Com isto daria um eloquente exemplo de moralidade, sem que nos obrigasse por favor algum. Desejamos e pedimos unicamente justiça. Poderemos ter esperança na justiça? Será justa a esperanca depositada numa reacção que só tem sido negativa? Pode ser. O certo, porém, é que s. exc. devia deixar as honras de chefe ou agente do partido para ser presidente, isto é, o representante do imperador, que para cá o enviou para administrar seus subditos e não para domar rebeldes ou governar vencidos. Nós temos sido tratados como um povo conquistado. O governador moscovita na Polonia não tem nada a invejar á administração conservadora nesta provincia nem os patriotas polacos têm sobejas razões para invejar a nossa dita. Collocados fora da lei, feridos em nossos direitos, esbulhados de todas as nossas santas prerogativas, tudo se nos tem negado com uma verdadeira furia. S. exc. ainda deseja continuar a tratar-nos da mesma maneira? Não sabemos quanto actuam em todos os organismos as nobres emulações; mas s. exc. não terá desejos de ser um Portelli ou um Taunay? Elles como s. exc. foram os organisadores da nova situação e, no entanto, souberam ser bons politicos e bons administradores. S. exc. nos dirá que elles foram a excepção e que s. exc. segue a regra geral. Pois bem; ao menos s. exc. concorde que um presidente pode ser um homem de bem, que um homem de bem pode ser um conservador. Muita gente acredita que o ser homem de bem a presidente conservador são cousas antagonicas. Nós, apesar dos factos em contrario, sustentamos opinião contraria. S. exc. quer ser o exemplo que os seus amigos offerecem contra nós e nós queremos que s. exc. seja o exemplo que offereçamos contra seus amigos. S. exc. por que tudo se decide?

Pomos s. exc. nesta alternativa, esperando que o sentimento da justiça e o decoro do cargo que exerce sejam mais poderosos em seu coração que o interesse criminoso de seu partido; que o capricho immoral dos seus amigos.

A «Epoca» e a Escola Normal.

Em o numero ultimo desta jornal cremos ter exgotado a questão da 1.ª cadeira da Escola Normal e ao mesmo tempo reduzimos a nada as calumnias com que os Jesuitas de Casca procuraram nos comprometter já em publico, já em particular. Nós seguimos o fecundo procoito do grande A. Comte: *virre au grand jour* (siver ás claras).

Temos a coragem das nossas convicções, já o dissemos: a lucta em publico é o nosso elemento. Não temos fleias da convenção para fazer politica ou arranjos *inter-familias*. Temos, sim, profundas convicções adquiridas com sacrificio de tempo, de dinheiro e de saúde, resultado de estudo acurado, longo e consciante. Isto só bastaria para nos justificar do crime de não pensarmos

pela cartilha dos *soit-disant* philosophes e pensadores da terra.

Chamando a attenção das autoridades competentes para a 1.ª cadeira da Escola Normal, não tivemos em mira agitar questões scientificas e muito menos religiosas. O nosso unico intuito foi pugnar pelo melhoramento do ensino na Escola Normal, melhoramento que só se obterá por meio de um pessoal docente apto para o magisterio.

No entanto a «Epoca», na impossibilidade de defender o seu dilecto professor, desloca a discussão, empresta-nos injúrias que nunca tivemos, affecta uma religiosidade pulha, de envolta com uma sciencia indigesta, banal, anachronica, «intelligiviana». Já lho demos uma resposta cabal; falta nos, porém, tratar do seu numero 416.

Lamentamos que os limites do nosso jornal não nos permitam largas explicações nesta polemica. Vamos, pois, resumir.

Para condemnar o methodo do lento da Escola Normal, o qual dirige-se unicamente á memoria dos alumnos tendendo a fazer destes meros automatismos ou machinãs de repetição, nós dissemos «que é preciso satisfazer a curiosidade innata do homem, que o cerebro é um composto organico, vivo e não uma massa inerte plasticamente».

O articulista infelizmente não nos comprehendeu. Julgou que nós exigimos do professor explicações profundas e scientificas sobre o cerebro formado pela educação, produtor do homem moral, etc. Ora! isto não é simplesmente má fé, é ingenuidade infantil ou puro cretinismo.

E pensando na sua simplicidade basta ser este o nosso programma de ensino, accima-o de materialista julgando ser assim lavrado *in limine* a sua condemnação.

Em primeiro lugar, nós mostrámos apenas que é uma violação ás leis da natureza humana exercitar somente a memoria dos alumnos, por isso que o homem é uma intelligencia servida por organos. O conjunto desses organos forma o systema nervoso, cujo centro é o cerebro, «composto vivente e não uma massa inerte plasticamente».

Seria o cumulo do ridiculo exigir do sr. conego Honorio preleções de anatomia e physiologia numa escola primaria de portuguez e historia biblica.

Em segundo lugar, a pecha de materialista, que nos foi assacada, já não tem razão de ser, é uma estolice.

«Não é materialismo, afirma Clarke, o dizer que qual for o cerebro tal será o pensamento. Sem discutir a phrase do physiologista francez, segundo o qual o cerebro segrega o pensamento como o fiado a lã, o certo é que sem cerebro não há pensamento. A qualidade deste depende da qualidade daquelle. As metamorphoses do cerebro manifestam, limitam, enriquecem e coloream o pensamento. O tecido cerebral, quer emquanto á quantidade, quer emquanto á qualidade, é correlativo á energia intellectual. Faz-se do sangue o cerebro: a sua qualidade e quantidade são determinadas pela quantidade e qualidade da provisão sanguinea. A ignorancia e a desidia levam á anemia do sangue; esta é anemia men-

tal. *Qual o sangue tal o cerebro; qual o cerebro tal a intelligencia.*»

Esta é a verdade que o articulista não pode comprehender porque colloca-se em um ponto de vista retrogrado e não tem a disciplina mental da sciencia moderna.

Nós estamos firmados na autoridade dos maiores sabios contemporaneos, entre os quaes o sr. dr. Ruy Barbosa, a potencia intellectual que faz a confusão dos nossos pseudo litteratos e a gloria do Brazil em todo o mundo scientifico.

Para a rehabilitação do ensino entre nós, para o engrandecimento da patria, bastaria que as obras deste eminente pedagogista fossem conhecidas pela doctra parte dos brazileiros. Desgraçadamente assim não é. E ahí está porque ainda há quem nos acome de impies e materialistas pela razão de oppormo nos á retina e de acompanharmos as culminações do pensamento humano dentro dos estreitos limites das nossas forças intellectuales.

Entre muitas cousas só proprias para desviar a questão do seu curso regular, tal a «Epoca» na criação do mundo, *ex nihilo*, em Jesus parando o sol, na nossa declaração implicita de que o homem é um besta.

Sobre a criação leia as obras de E. Haeckel e as theas primeiras da religião nos *Primeiros principios* por H. Spencer.

Sobre o lugar do homem na natureza leia a *Descendencia do homem* por C. Darwin, a *Historia da criação e a Anthropogenia* por E. Haeckel, o *Lugar do homem na natureza* por T. Huxley e as *Lições sobre o homem* por C. Vogt. Nós não dissemos que o homem é uma besta. O termo é do contemporaneo, adrede empregado para fazer efeito no animo dos tolos. Mas já advertimos, em o nosso ultimo artigo, que entre os nossos leitores ha tambem espiritos illustrados e sinceros.

A respeito do lugar da terra e do homem na natureza procure o nosso polemista conhecer a theoria de E. Haeckel sobre o erro *geocentrico* «que faz da terra o centro do mundo, em torno do qual giram o sol, a lua e as estrellas», e o erro *anthropocentrico* «que considera o homem como o fim supremo e querido da criação terrestre, o ser para quem todo o resto da natureza foi creado.»

Depois de herdado isto e só depois é que o articulista se habilitará para dar-nos combate na arena das luctas scientificas. Antes disto é malhar em ferro frio. Só conseguirá calumniar-nos, porque infelizmente não nos comprehende. A sciencia não se improviza: é preciso estudar.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO

Uma rectificação

Na qualidade de advogado do sr. alferes Boltrand de Carvalho, no processo que lhe moveo o sr. capitão João Rosa, por injurias impressas, propoz ao advogado do autor, o meu distincto collega e amigo dr. Polidoro Burlamaqui uma assistencia mediante explicações razoaveis. Accçita a minha proposta, es-

Pernambuco, 23 de Junho de 1886.

crevi n'um papel a declaração que foi publicada no «Telephone» de 10 do corrente e o dr. Polidoro, satisfeito com ella, bem como o capitão João Rosa, desistiu da acção. Vejo, porém, no referido jornal a noticia de que o capitão João Rosa desistira do processo porque constou-lhe que o alferes Beltrand não é elector e não estar no caso de ser responsável! Não se ventillou, por occasião do accordo, semelhante questão, que eu afinal, não podia aceitar como base de um accordo, por entender que embora não elector, qualquer cidadão no gozo de seus direitos politicos ou em causa propria pode ser responsável pelos delictos de imprensa.

Fago esta rectificação, e esta declaração por amor da verdade e dos principios. Theresina 13 de agosto de 1886.

C. FREITAS.

Dois palavras ao sr. conego Saralva e ao publico.

Passado pelos apodos da opinião publica, o sr. conego Honorio Sargiva apogou-se a mais tola das defezas atirando sobre mim as baldas da sua reconhecida inaptilidão para o cargo que o infame e despresivel testa me roubou, e s. revm., com manifesto prejuizo para o ensino, destructa debaixo de tamanho chuveiro de desgostos.

O sr. conego que é geralmente malvisto, maximé pelos seus discipulos, necessitava de alguém para acarretar com as culpas da má vontade que lhe votou. Assim é que desrespeitado por seus alumnos, que não se conformão, como quer s. revm., com o exclusivo ensino do catholicismo, entendeu safar-se da difficuldade dizendo que eu estabeleci o precedente abolindo abusivamente e por conta propria a parte do reg. que organisa as materias constitutivas do curso da Escola Normal.

Não podia o sr. conego Honorio ser mais infeliz nem offender-me mais. O meu ensino foi pautado pela letra do reg. que manda ensinar grammatica da lingua nacional, recitação e composição. Instrução religiosa (doutrina e historia sagrada, antigo e novo testamento).

Se fui culpado, pequei com o reg. que organisa as materias constitutivas da Escola, em que leccionei durante trez annos, dois mezes, e alguns dias á contento geral, gosando sempre da felicidade de ser querido por todos que foram meus alumnos.

Gosei do respeito geral. Soube ser r.estre e amigo dos meus discipulos. O que tem succedido com o sr. conego? O que todo mundo sabe. S. revm. plantou a discordia na sua aula, onde tem soffrido toda sorte de desconsideração. A opinião publica o increpa, os alumnos se revoltam, a imprensa clama contra a sua inaptilidão notoria e s. revm. julga justificar-se declarando que o mal foi plantado por mim!

Esta realmente é de frade.

O 1.º anno da Escola Normal, que relecte em decoranço catholicismo, não foi se quer um dia leccionado por mim.

Como diz o sr. conego que os alumnos se fundam no meu precedente?

Eu, de facto, não entulhei a intelligencia nem a memoria dos meus discipulos com rezas, porque entendi sempre, como todos nesta capital entendem, que a 1.ª cadeira é do grammatica portugueza, recitação e composição, instrução religiosa—comprehendendo historia sagrada, antigo e novo testamento, e não unicamente de catholicismo.

A congregação estabeleceu quaes os livros pelos quaes devia eu leccionar, e da acta que se lavrou não consta que fosse admittido o catholicismo!

Porque o sr. conego não revogou o meu abusivo precedente?

Eu, apesar desses abusos, que só s. revm. encherگون, nunca os commettidos e repetidos como o actual professor.

Eu não podia afastar-me da letra do reg. nem dos compendios que methodisam o ensino da cadeira, e si houve algum abuso lanceo o sr. conego a culpa sobre a congregação (como observou o illustrado sr. dr. Polidoro Burlamaque) que determinou quaes os compendios que devia adoptar e não mencionou o catholicismo do Maranhão, que s. revm. considera o unico exigencia que satisfaz perfeitamente as exigencias desta parte da cadeira á seu cargo.

Me parece, porém, mais abusivo o procedimento do professor que vai á aula de ceroulas e sentado na cadeira dirige chufas grosseiras a suas discipulas, taes como estas: *Sá F. de baixo passe pra cima. Sá F. da porta pro pé.*

Mais abusivo é o procedimento do lente que, para não ser guido, manda trancar as portas do lyceu, em quanto lecciona.

Mais abusivo é o procedimento do lente que contra a lei e sem attribuição, expulsa d'aula seus discipulos, que não trazem de cor o padre-nosso, a ave-maria, o credo, o benedicto, os peccados mortaes etc. materias que o lente só sabe e só ensina. Mais abusivo é o procedimento deshonesto do lente que anda de noite, com barbas postiças, por casas duvidosas etc.

Que necessidade tinha o sr. conego Honorio de ferir-me? Nenhuma; eu que sempre o respeitei—si não por suas qualidades, ao menos por consideração a membro de sua familia, que me honra com sua amizade.

O publico leia o officio que abaixo publico e veja por elle a ignorancia e a cobardia de quem ataca-me nas trevas d'uma maneira injusta.

Me limito a lavrar este protesto, por que não quero que fique archivado um documento que tanto me desabona.

Embora me tenha sido roubada a cadeira em que o sr. conego Honorio destructa as delicias da sua apostasia, eu não posso consanir que, á minha custa, o ditoso herdeiro do meu espolio suba ao pincaro do capitolio.

Theresina, 12 de Agosto de 1886.

Raimundo Antonio Borges.

Illm. sr. dr. director da Escola Normal desta capital.—Raimundo Antonio Borges, a bem dos seus direitos, requer á v. s. que se digno de mandar dar por certidão o teor do officio que o lente da 1.ª cadeira da Escola Normal desta capital dirigiu á v. s. tratando sobre a instrução religiosa deste estabelecimento, onde qualifica de obscuro o procedimento do replicante, como lente que foi d'aquella escola, porque ali não admittia—Padre Nusso, Ave-Maria, Credo e S. Rainha, que o reg. não determina.—Nestes termos.—E. R. M.—Theresina, 12 de agosto de 1886.—Raimundo Antonio Borges.

Dê-se.—Director da instrução publica em Theresina, 12 de agosto de 1886.—Theodoro Pacheco.

Em cumprimento ao respeitavel despacho do illm. sr. dr. director da Escola Normal certifico que o teor do officio de que o supplicante trata é o seguinte:—Theresina, 4 de agosto de 1886.—Illm. sr.—Emmitta com serios embaraços no exercicio do meu magisterio com relação ao ensino da doutrina christã determinado pelo reg. que organisa as materias constitutivas do curso da Escola Normal da provincia, pela relectancia de alguns dos alumnos, matriculados no 1.º anno, fundada no precedente que estabelecer o meu antecessor abolindo abusivamente e por conta propria esta parte do ensino da 1.ª cadeira, o qual de accordo com o espirito do citado reg., repito imprecedivel, e sendo o catholicismo da diocese, admittido em todas as escolas publicas primarias da provincia, o rezado completo da doutrina christã e o unico compendio que satisfaz perfeitamente as exigencias desta parte do ensino da 1.ª cadeira a meu cargo, consulto á v. s. si devo cumprir o que determina o reg. fazendo valer o ensino do catholicismo da diocese, ou se me deite supplantar pelo abuso supprimido esta disciplina que applico o curso da Escola Normal.—Deus guarde a v. s.—Illm. sr. dr. Theodoro Alves Pacheco d. director da Escola Normal desta provincia do Piauhy.—C. Honorio José Saralva, professor da 1.ª cadeira da Escola Normal.—Era o que se continha no dito officio ao qual me reporto.—Pague mil reis de emolumentos conforme o conhecimento n. 185 que apresento. Secretaria da Escola Normal em Theresina, 13 de agosto de 1886.

O amanuense, João Baptista de Sousa Martins.

Até que affinal exhibiu-se feliz dias assignando um artigo que escreveram sob o titulo de publico e que vem estampado na «Epoca» n.º 411 de 3 do corrente, vindo no ultimo vapor, e que só bônitas a noite consegui ler.

Esse bichano que pela falta não se conhece o sexo a que pertence, desde o anno passado, que sob a capa do anonymo, me tem por esse mesmo jornal alirado os mais atrozes laldões; mas em que tenho e continuo a conservar o proposito de não discutir com textos de ferro, gaudes sempre proposital silencio esperando que esse meu procedimento animasse o amador a firmar com sua assignatura alguma, de suas invectivas, para o que vou a vez o photogrel.

Apesar de não ser esse seu proprio artigo, no estilo dos anteriores, anonymos, e todavia, no fundo, no mesmo sentido de injuriar-me; portanto, apesar de ter de ante-mão a certeza de não enfrentar com um cavalheiro, porque, se é certo que, o nome é uma vez com que se dá a canheira as cousas,—elle é um bicho, vou dar-lhe prova cabal de que não passa de um calumnioso; não gastando porém mais tempo em responder-lhe por escripto, mas mandando por este mesmo vapor, chamar a responsabilidade o jornal, para verificar se realmente o bichano o responsável pelo que o fizeram assignar.

Se o for, justaremos nossas contas no terreno legal, se o não for, perdão o testa de ferro; mas ficará o publico conhecido o ente vil e despejavel que procura magoar-me sem ter a necessaria coragem de assumir a responsabilidade das injurias e calumnias que me tem irrogado, por detraz da cortina, e considero-o xingado.

Como porém, contem o artigo alludido outro assumpto que não é uma injuria que me hegi trazendo ao dominio publico, por differença a este, vou dizer alguma coisa no sentido de explicar o facto de minha liquidação commercial á aquelles que, não residindo aqui não tem verdadeiro conhecimento delle. Naquella parte, foi um serviço que presto dando-me ensajo desta explicação. Obrigado.

Desde 1879, que regressando para aqui do Maranhão onde como empregado da Casa Inglesa desta cidade, residia desde 1869, estabeleci-me aqui casa de negocio a retalho por ter de minha livra e espontanea vontade deixado de ser empregado daquella casa, por entender deger fazer o assum, visto como havia mudado de estado, casando-me.

Conservei-me com o ramo de negocio que tinha adoptado, até janeiro do anno passado quando entendi dever melhor-me em uma especulação commercial e para a qual fazia-me necessario deixar o publico, porque meus interesses reclamavam minha presença fora da cidade por mais e repetidas vezes. Passei pois o meu estabelecimento a outros e conservei somente aberto o meu escriptorio que era e ainda é no mesmo prédio em que tinha estabelecido a loja, pela razão de facilitar mais o recolhimento do meu activo, que não tinha conseguido incluir no transpasse do estabelecimento. Até junho do anno passado conservei-me nas melhores relações com as casas com quem havia estreado transações commerciaes nas praças do Maranhão, Ceará e Pernambuco, não fallando nella cidade que ainda hoje conservei.

Resolvido como estava a entrar em outra especulação commercial, que não a de vender fazendas a retalho, procurava com anterior fazer a arrecadação das minhas dividas activas e pagar o meu passivo, mas, como quem como eu é peregrino,—não ignora a crise porque passamos da falta monetaria, não deixari de reconhecer que-lenta se torna uma liquidação nestas condições.

Mas, apesar disso, continuava a gozar de credito pelas praças, e tinha consciencia de que he então gozava de plena confiança de meus credores.

Mas, feliz dias, porém, que desde algum tempo mais remoto me vota má vontade por ter, eu na qualidade de procurador de sua casahada e ex-casa, sr. d. Joaquim de Jesus Brandão Dias, juntamente com o outro procurador capitão Joaquim Antonio dos Santos procurado pagar suas contas do liquidação de sociedade com aquella sua casahada, no conhecimento de cujo negocio nunca podiam entrar, porque, sua escripturação mercantil era igual a do juiz—Solomão Saragá ex-socio do sr. Izaz Busagá, aproveitou o ensejo de tomar de mim uma vingança, pondo em jogo um plano infernal que urdiu nas trevas, o qual levei affeito de abalar por algum tempo o meu credito em quanto não ficar bem conhecido o auctor de tal laldagem, e o motivo que o moveu a representar papel tão a caracter.

Por convencer a uns, por missivas sob sua assignatura, a outros sem ella e a alguns verbalmente (não affirmo, mas o que geralmente corre nesta cidade) que o meu estado commercialmente fallado era pressuro e que com certeza daria grande prejuizo a esta e aquellas praças.

Não accuso meus credores por terem acreditado em semelhante informação, porque sei que não faz bom paladar uma noticia de tal natureza que para logo previne um credor contra um deador e com tal razão procura não ser prejudicado. O certo é que, naquella tempo, junho do anno passado, compareço a chover aquies sobre mim, do Ceará e Maranhão e todas em favor de feliz dias que se apresentava o unico que conseguira receber alguma coisa. Até então estava eu bem longe de pensar que o bichano estava exercendo contra mim uma vingança representando papel principal da peça por si preparado.

Peguei promptamente os primeiros saques em valor superior a quatro contos de reis (4.000.000), mas quando conheci nos segundos que era proposital a sua intervenção nas minhas transações porque eu havia prevenido a meus credores do Maranhão (pois não os tinha no Ceará e Pernambuco) que não dessem mais saques sobre mim em favor de feliz dias, porque não os pagaria mais, podendo no entanto fazer o favor de qualquer

negociante desta praça, comprei a minha formal promessa: não paguel.

O bichano protesta o ultimo saque que me apresentou que era uma letra de cambio por não aceitar, e é tão virando em materia commercial que entendeu obrigar-me ao pagamento daquella letra (quatro contos de reis) somente porque tinha protestado por não aceitar e é esta a cobiça daquelle laldão que me foi feita pelo avoguel capitão Raimundo Saralva.

Estavamos em novembro do anno passado quando isto se deu e eu devendo imprudentemente seguir para a provincia do Ceará acompanhando minha esposa que se achava bastante doente de beribeg, havendo fallecido em 30 de setembro, meu sogro, que devia dar um certo neste estado de cousas visto como tinha offerecido o pagamento integral a meus credores desde que ellos reconhecessem bens porque em dezembro era impossivel naquelle tempo, chamari meus credores particularmente a minha casa e forneci-lhes fielmente o balanço demonstrativo do estado della e pedi-lhes que se pagassem como entendessem. Era nessa occasião o estado de minha casa o seguinte: Activo noventa e tantos contos de reis sem sentido parenta e tantos em pedras e outros bens de valores reaes, e quarenta e tantos em dividas activas, e o passivo sobia a sessenta e contos de reis.

Era feliz procurador dos dois meus maiores credores, e portanto, tendo os de mais regalado a minha proposta de pagamento por aquella forma e declarado que eu devia continuar a ir, liquidando meus negocios como até alli, visto que para elles merecia toda confiança, feliz paguem-me, não ficar satisfeito com essa indicação dos demais credores, e então eu fiz certas considerações sobre este ponto, examinando-me por mim, visto que necessitava saber quanto antes em companhia de minha sogra, e então propuz a elles que nomeassem dentre si uma commissão que se encarregasse de essa liquidação.

Foi accito esse alvitre, porque instei por elle afim de não expor a meus botes de feliz dias que achando-se armado de procuração dos meus maiores credores do Maranhão cujas intencões não procurava adivinhar, em todo seu empenho fazer-me citar e outras picantias pequeninas, só dignas de seu superioritocanho.

Foi então que naquella data, 8 de novembro do anno passado foi lavrado o contracto que publico e no qual figura como procurador de meus credores e nunca como credor meu porque nunca lhe deti, como lembra no seu alludido artigo. A prova de que elle interessava alguma coisa aos interesses de seus constituintes e somente desajava exercer uma vingança mesquinha contra mim tiveram as bens depressa, ainda aquelles meus maiores credores do Maranhão, como me o confessaram depois, mais quando já não podiam remediar o mal consado.

Es por a razão de fazer parte elle, dos meus procuradores para a liquidação particular de meus negocios commerciaes e não liquidação commavel aliás nunca me neguei. José Favores Sobrinho do Maranhão como autor do procedimento feliz para comigo, procurando avançar-me das minhas de tão pequeno animal me foi venenoso, avocando-me ter liquidado minhas contas com aquelles meus maiores credores devendo-me os reaes.

A vista disto scientificando-me do facto as piçozas a quem eu havia constituido meus procuradores naquella reunião, foram accordes e prepararam-se, e assignaram em meu escriptorio a seguinte carta, e em dar-me a não do movimento da arrecadação que tinham feito das minhas dividas activas entregando-me em julho de 1886, existindo em meus dias desconfiança sobre mim no limbo das dividas da minha casa.

Deixou de comparecer a essa reunião, feliz dias, e sem ter-me até hoje dado a menor satisfação sobre o encargo, continuo a desconhecer o movimento que fez, cobrança de algumas dividas, tendo apenas sciencia por outros que elle fez algumas arrecadações de dividas, de uns, e moltas ameaças, imposições e jejos politicos com outros devedores de quantia mais avultadas.

Parece-me que não devia ser este o procedimento de quem me ex-procurador.

Acho-me pois hoje, livre de tão traiçoso inimigo porque já não dispõe contra mim das procurações de meus maiores credores.

Tenho fé em Deus que hei de fazer o resto da liquidação de minha casa, sem prejuizo do feliz dias que não é meu herdeiro.

Quando elle tiver de fazer a liquidação da sua, estimarei possa dizer outro tanto a meu respeito.

Respeito o respeitavel publico a massada da explicação de meus negocios, mais julgo isto necessario para quem leu o artigo assignado por feliz dias.

Luiz Antonio de Moraes Cortes.

Os abaixo assignados, cidadãos brasileiros, residentes neste termo, considerando que no espirito de rectidão e justiça da magistratura está a mais solida garantia de nossa paz, tranquillidade e mais importantes direitos, segurança sem a qual é impossivel o progresso e felicidade de qualquer sociedade e que tão injusta, quão caviosamente se pretende lançar a pecha de pouco zeloz da causa da justiça no distincto e honrado sr. dr. Carlos Francisco de Araujo Costa, muito digno juiz de direito desta comarca, simplesmente por que deixou de presidir a sessão do Jury, convocada para o dia 29 do mez proximo passado, por motivo de molestia nas pernas, passado o exercicio do seu cargo ao digno sr. dr.

dirigir, o proeminente chefe do partido conservador da provincia, o illm. e exm. sr. dr. Simplicio de Souza Mendes, delegado especial do director geral da instrucção publica do municipio da corte, fazendo vir a sua presença diversos alumnos, examinou-os, e antes de retirar-se lavrou o termo abaixo transcripto, que peço-lhe a devida venia para publical-o.

E' o seguinte: «Tendo visitado a aula do sr. professor Estevão Ferreira de Medeiros, mandei alguns meninos lerem e procederem a certas operações de arithmetica e contabilidade, e dos exercicios que assisti, nos quaes procederam correctamente, conclui com segurança, q. se achão bem adiantados e eram applicados em tacs disciplinas, honrando e justificando seu digno preceptor, que supponho ser um mestre diligente e na altura e condições de um serventuario publico de provado merecimento e aptidão. Villa da Amaração, 22 de Junho de 1886.—Dr Simplicio de Souza Mendes.»

Note o publico e o sr. Firmo Raposo, que o termo do esm. sr. dr. Simplicio Mendes, está lavrado logo em seguida ao protesto quo lavrei; apoiando por consequencia tão venerando cidadão, o meu procedimento e castigando com a justiça peculiar aos homens de bem, embora adversarios politicos, aos tresvarios de um quidam, que, pelos seus arbitrios, nunca passará de uma vulgaridade nulla, apaixonada, inconsciente e indigna de honrarem-se com homens de carácter, e que abuzando do cargo que immerecidamente lhe foi confiado, quer magoar, o um empregado zeloso no cumprimento de seus deveres, por que este empregado não sujeitou-se a sua infame proposta quando convidou-o por meio de ameaças para passar-se para o partido conservador.

O que vale, é, que, ainda temos homens como o exm. sr. dr. Souza Mendes, que longe de pactuar com as infamias praticadas pela gente baixa do partido conservador, como os Firmos Raposos, castiga-os, desmentindo-os quando são pegados inflagrante, como foi o sr. Firmo Raposo, quando em meu livro lavrou tão celebre termo. Estou vingado. Estevão Ferreira de Medeiros.

Urão, 4 de agosto de 1886.

Ao publico.

Morando ha mais de 20 annos no lugar S. Bernardo, deste termo, primeiro como aggregado de João Machado de Oliveira e de 1877 para cá como proprietario em virtude de umas posses de terra que comprei ao sr. Luiz José de Oliveira Costa, nunca pensei que me visse hoje ameaçado de perder quanto tenho, de incendiada a casa, roça e mais benfiteorias pelo sr. capitão João do Rego Monteiro, possessor como eu nas referidas terras. Não ha muitos dias recebi o delegado da policia, José Carvalho de Almeida, que em companhia do capitão J. do Rego, veio intimar-me, em nome da sua autoridade, para retirar-me de minha propriedade, sob pena de ser ella toda incendiada! Debaixo de semelhante ameaça já entendi-me com o honrado sr. dr. chefe de policia, quem historiei o facto e pedi providencias, que s. exc. com toda sollicitude deo; mas temendo que o delegado da União illud as ordens que por ventura recebo venho, por estas linhas, protestar, contra qualquer violencia que por ventura venha a soffrer, e desde ja responsabilizo o delegado José Carvalho de Almeida e capitão João do Monteiro, o meu gratuito inimigo que, a todo transe quer tirar-me do solo onde tenho trabalho ha 20 annos e regado com suor diario de minha fronte.

Sirva, pois, isto de protesto. Calmo, espero na justiça que me valerá contra os ataques dos poderosos que

invejam do pobre até um palmo de terra que tanto custou-lhe comprar e mais ainda custa tirar delle o pão para sua familia.

Abel Borges dos Santos.

NOTICIARIO

O nosso amigo Manoel Lopes Correia Lima foi encarregado pelo directorio liberal, de tratar do alistamento de todos os nossos correccionarios que se acharem com direito a ser eleitor na proxima revisa de 1.º de setembro.

Tudo aquelle, pois, que se julgar com direito a ser alistado, em qualquer das freguezias da capital, haja de entender-se com o amigo indicado.

A eleição municipal.—Apesar de uma cabala inaudita desenvolvida em todos os sentidos e por todos os modos pelos agentes do governo provincial; apesar das apostasias vilissimas que fizeram alguns polbes de espirito, comprados pelo ouro ou pelo amor de paz, foi esculpido o nosso triumpho no segundo escrutinio procedido a 9 do corrente. O braso eleitoral liberal que resistiu aos embates da onda da adversidade, e ás seducções de um poder corruptor, demonstrou ainda uma vez quanto pode a força dos principios.

O triumpho alcançado pelo nosso candidato foi motivo para immenso enthusiasmo. A noite, reunido grande numero de cidadãos em casa do nosso importante amigo coronel João da Cruz e Santos, resolveram ir á casa do candidato victorioso para saudal-o. Tomando então a palavra o nosso distincto amigo dr. Clodoaldo Freitas, saudou em phrases entusiasticas a victoria do partido e concluiu erguendo um viva ao coronel João da Cruz, a cujos esforços devemos tão assignalado triumpho. Depois, tendo á frente a musica da policia, dirigiram-se em passeata, fustigando o ar grande numero de foguetes, sendo levantados galorosos vivas a todos os liberais, por cujas casas passavam. Chegando á casa do capitão Antonio Rabello, o veneravel eleito, tomou a palavra o nosso distincto amigo dr. Augusto Colla, que abundou em brillantes considerações mostrando quos os principios adoptados pelo credo liberal. Fallaram depois o redactor desta folha dr. Hygino Cunha, com a eloquencia que lhe é peculiar, lembrando que o partido liberal é o partido do progresso, da liberdade, das luzes, ao passo que o conservador é o do passado, das catheiras, das trovas, da escravidão; o capitão Manoel L. dos Corraes Lima, verberou em elevado estylo, os desmandos desta situação, terminando por brindar aos nossos distinctos amigos coronel Cruz e dr. Colla; o capitão José de Castro fallou largamente elogiando o eleito e que atraxer de tantos scientificos correu compacto ás urnas; o dr. Clodoaldo, depois de mostrar que o governo centralizador aporixa as forças das provincias, que são administradas por homens ineptos, saudou o dr. Hygino Cunha como redactor da «Imprensa», a unica valvula que nós resta para bradar contra a confiscação e esbulho dos nossos direitos; o pharmaceutico José Lopes e tenente-coronel Antonio Ribeiro, estudantes Antonio Pio Falcão e Olympio Vaz da Costa e outros amigos, todos foram muito applaudidos. Por fim o capitão Rabello agradeceu a brillante manifestação que lhe era feita. Beinou sempre a maior harmonia em todo o tracto. Em frente da redacção da «Imprensa» sendo chamados á tribuna os drs. Hygino e Clodoaldo, tomou a palavra o nosso amigo capitão José Villarinho para declarar a ausencia destes dois amigos e levantar um viva ao partido, que foi calorosamente applaudido. Recolheu-se a passeata perto das 10 horas da noite.

O triumpho obtido diante das urnas, nas condições excepçionaes em que estamos, importa, sobretudo, um grande triumpho moral. Deante de uma cabala infernal; cabala feita pelo ouro, em nome do governo, cujos agentes estensivamente tomaram parte do pleito, a nossa victoria prova a pujança do partido liberal. Devemos, porém, fazer uma declaração: O sr. dr. Piquet, ainda em tempo recouo, deixando do intervir na eleição. O manejo official contiuhou em seu nome; mas s. exc. não quiz por actos satisfazer as exigencias dos seus amigos, que queriam que realisasse o infame projecto de mandar empregados publicos em commissão etc. Hendemos esta justiça á s. exc. Foi talvez esta unica vez que s. exc. reagiu e por isso mesmo cahiu em completo desagrado dos seus amigos, muitos dos quaes, aproveitando o facto da sua demissão, cobrem s. exc. de ridiculo e apotes, ora chamando-o banau, ora papalau, ora o nome que o sr. Coelho Rodrigues chamao. Eis o que s. exc. conquistou: desaffecção geral. Fraco sempre, docil executivo dos caprichos dos seus assessores, a primeira vez que reagiu desgostou e alarmou a turba. Mas não se acabouruno s. exc. com isto. Antes o odio de seus amigos com a justiça, do que os seus applausos com a injustiça. A boa accção por si se recompensa.

No mesmo dia fizeamos distribuir o seguinte BOLETIM DA «IMPRENSA»

Triumpho esplendido
Vencemos a eleição municipal com a maioria de 16 votos.

Antonio Rabello (l)	120
Mauoel da Paz (c)	97
Differença	23
AMPARO:	
Mauel da Paz	46
Antonio Rabello	39
Differença	7

Os nossos adversarios não pouparam esforços

pozeram em jogo todos os seus elementos, empregaram todos os meios para seu triumpho: entremetido a maioria liberal, a pujança deste partido que em todos os tempos tem sabido distinguirse pela sua força e robustez, ainda uma vez fez a derrota do adversario á honra das urnas, apesar de perseguido por todos os recursos de uma intelligença, ante a qual todos os meios são justos e licitos.

Parabens ao eleito liberal que, tão denodado, ha sabido collocar-se na altura dos seus principios e deveres!

ULTIMA HORA.—Quando acabavamos de conquistar este triumpho, sonhamos que o sr. Manoel José de Mendez Prado fira demittido de presidente desta provincia, com o effecto de presidente de seu nome, pelos actos abusivos que commettera e pela subserviência de que deu as mais insuportáveis provas.

Antes uma vez parabens ao partido liberal! Hurrah!

A remoção do Dr. Cruz.—Lê-se na Federação:

Notificaram os diarios desta cidade que acaba de ser transferido para a freguezia provincial de Mato Grosso o sr. dr. Joaquim Antonio da Cruz, que ha bem pouco ainda foi removido do Piahy para a nossa capital, na qualidade de medico do exercito.

A escolha da provincia para que foi de novo removido este distincto clinico, basta por si para dar a conhecer o espirito de perseguição de que está sendo victima por parte do gabinete do sr. Barão de Cotegipe.

De ha muito que faz-o Mato Grosso o partido conservador, o mesmo que fazia Portugal do Brazil e ainda hoje faz das suas presenças africanas.

E' um lugar de desterro, onde se evita o funcionamento que se não tem a coragem de demittir, e se quer punir do crime do divergir em opiniões politicas dos membros do partido no poder.

O sr. dr. Cruz, que é um medico notavel, não só é um delinquento perante a doutrina dos actuaes governantes, como tambem é muito sympathizado pelo eleito liberal do Piahy.

Nas ultimas eleições de Janeiro ainda foi elle o competidor do dr. Coelho Rodrigues, e apesar de toda a intervenção official em favor deste candidato e dos ardis de todos os empregados, alguns com exito, para afastar do nome os electores liberais, só pôde a candidatura recommendada pelo governo «sahir triumphante» com a dimittida maioria de 32 votos!

O sr. Coelho Rodrigues que não descehria as peripetias da victoria que alcançou e que estava convencido que a sua derrota seria certa na seguinte eleição, si continuasse a residir no Piahy o seu competidor, empregou todos os meios ao seu alcance para arrebal-lo da provincia, o que effectivamente conseguiu, transferindo-o para medico do exercito no Maranhão.

A proximidade porém, em que se achava o dr. Cruz do campo da luta eleitoral, em que o secretario da camera se occupou, parece que causava lhe afflicções, e este incommodo reverdeseo, desde que se viu o convite para substituir no governo o sr. Conselheiro Junqueira, convito, que não pôde accellar postula de segurança da sua reelecção.

Poucos dias passados vem um telegramma participando a ultima deliberação do gabinete, sobre o lugar em que quer que resida o conservador do sr. Coelho Rodrigues, aim de tirar o presidente da desconfiança e inquietude do l.º secretario da camera sobre o seu districto eleitoral. Este lugar foi o Mato Grosso.

Agora está descaçado, dorme em paz e com toda a tranquillidade passa os seus dias o afortunado deputado piahyense.

Para tirar-lhe a clidiosidade que semelhante abuso de poder arrastra o governo dá á os serviços medicos do sr. dr. Cruz eram repellidos na provincia para onde foi removido, e que nesta removação não houve intervenção politica de qual quer natureza que fosse.

E assim terá explicado a transaccão. O que se disser em sentido contrario, como a logica dos factos, será considerado como eguivoca opposição, desejo de chamar a attenção para a situação, e outras causas mais deste jeaz.

Volva-se, porém, todo o decurso do ultimo dominio liberal e se veja si encontra-se um unico acto que se compare a este do partido da molestação e tolerancia.

Tanto partidarios como abstratos repugna.

Mas si o governo conservador assim procede, esteja certo o illustre dr. Cruz que todos os homens honestos em distincção de cor politica; sympathizam devidamente a perseguição, da qual é victima.

Chamamos a attenção do sr. dr. Prado para uma correspondencia assignada pelo nosso importante amigo capitão Manoel Vaz da Costa, que ha sendo victima do paschal homicida de um funcionario publico perigoso. S. Exc. attenda a razão. O promotor de S. Raimundo, que ja esteve louco por mais de uma vez, depois do facto arguido, não pode mais exercer o cargo. Depois é preciso que s. exc. saiba que o collector Landim, que tomou parte no facto, é um homem perdido, já foi condemnado por falsificação! Pois é semelhante homem que exerce um emprego de tanta confiança, que exige tanta probidade! S. Exc., especiaes ha de providenciar como o caso requer e tomal as necessarias informações de illustre dr. juiz de direito da demarca.

Facto grave.—O capitão Pedro José de Lima, commandante da companhia de infantaria desta provincia, segundo nos informam, acaba de espalhear tanto um soldado, que este frouzadamente enfiou, quasi moribundo. Pedimos serias e immediatas providencias.

Abuso sobre abuso.—O collector das terras provinciais desta capital está servindo illegitimamente. Tendo morrido o seu fador, que era o tenente-coronel Otonio Rocha, um unico collector assumiu com a mesma fanga! O sr. dr. Prado attribui para isto. O seu collector não deve, por dade de natureza, estar fora do lek. Quando s. exc. encontrar-se com elle perguntalhe quala cobras da negociante ambulante do Maranhão. Luiz Mattos, que aqui esteve em exilio de este anno nos um grande bofetimento da fazenda. Perguntalhe s. exc. isto e mande o, que não é de rigoroso dever, dar nova fanga, porque não é possível que continue a girar da qual ha de ser o fallecido Otonio Rocha.

Por toda parte a politica.—O sr. conego Roberto Saraiva, vigario geral da provincia, em um a noite de amigos, depois de um jantar, declarou que tinha orientado expresso do sr. bispo diocesano para suspender de ordena ao sr. padre Germano Antonio de Araujo, logo que este aqui chegasse. Desde o dia 8 do corrente, porém, que aqui está o sr. padre Germano e o sr. conego diocesano, apesar dos ordens que tem, ainda não o suspendeu! Será que o novo conego antepõe a politica as ordens do bispo? ou não responde pelo que diz depois do jantar, como o sr. Cotegipe?

A cabala official.—Deante da mesa eleitoral um eleito, no acto de votar, no eleição de 8, declarou que votava no candidato conservador a pedido do capitão João Rosa, secretario do governo! O acto foi publico e o secretario, para evitar insultos e infelizes eleições aguçado polgols! Que falta de escrupulos!

Para o Pará segue a 11 do corrente o nosso grande amigo capitão Antonio da Costa Rabello, a quem desejamos boa viagem.

Pleco.—Escrevem-nos: Alcançou o candidato conservador uma insignificante maioria de votos sobre o nosso. Os agentes do governo lucraram não-de todos os meios illegitimos e reprobados. Durante o processo eleitoral, que gerou irreverentemente, foi offerecido um protesto por parte da opposição. Neste comitê certo numero de membros, pensaram de voltar a um novo importante amigo com algumas hostias que foram repellidos com altivez. Sua licença esteve na villa, e não se demittiu o vagoiro do Castello, Jacinto Ferrive, que se dezin delegado do governo, em cujo nome promittio mil cruzes e todo lex! Os electores conservadores, os Totes, os Juvens politos abundam em lugares por muitos dias para votar; os liberais não tiveram alicença para esse fim! O sr. Paulo, com a sua passividade conhecida, não vê e tudo consente. Quando s. exc., vultados annos, lembrar-se do Piahy, terá os remorsos de Judas. E' o que nos vale.

O fiscal da camera municipal.—As denuncias em o nosso penultimo numero o aldemio em que está o sr. João Teixeira para com a nossa cidade e tribunas a accusação, porque diversos cidadãos tem nos pedido que insistamos com a camera para chamar á ordem um fiscal que anda muito mal. Informamos-nos tambem que o sr. João Teixeira recebe dinheiros das contribuições, mette-se nelle e não dá um real á camera, que tem soffrido com esse novo sistema grandes prejuizos, que vem de longa data. Pedimos ao sr. capitão Foz, actual presidente da camera, que elle para essas delaporações e faça cessar logo vergonhoso negociado. O unico meio para isso é demittir do fiscal illud, contra quem se levanta em toda a capital um justo clamor. Converse o sr. capitão Faria com o sr. administrador da municipalidade e veni as queixas que este ha feito pela decisão do fiscal que deixa venderem tabacos por preços baixos, allegando que assim faz porque o dinheiro do mercado vampa o thesouro e dos tabacos se paga a camera. Isto nos faz lembrar que o fiscal vela por esse dinheiro mais pelo motivo que o accusam da qual por outro.

ANNUNCIOS

«Harmonia Theresinense.»
De ordem do sr. presidente da Directoria desta sociedade convito os sr. socios, parentes e amigos dos fallecidos tenente-coronel Otonio B. de A. Rosa e capitão Antonio Monteiro da Cunha para assistirem a missas que a sociedade manda rezar por almas dos referidos socios na igreja do S. S. das Dores as 5 horas da manhã dos dias 17 e 18 do corrente.
Theresina 7 de agosto de 1886.
O 2.º secretario,
Felippe Ferreira Borges.

Aguardente superior qualidade vende-se no Engenho d'Água, a 280 reis por frasco.

Loja da Cruz & Irmão vendem assucar bom a 310 reis por kilo com meias barricas e a 500 reis a rejallo.

Grande deposito.
José Furtado Belleza tem para vender em sua casa á rua do Paysandú—rapaduras marca «C» a 65000 o paneiro, farinha boa, gomma sr tapioca, milho, arroz, feijão todo em grande escala a preços reduzidos ao barato.